

Salas de cinema em São Paulo: uma nova democracia

O circuito SPCine mostra os esforços da gestão Haddad para democratizar o acesso aos filmes ao vivo e a vitória das salas de cinema na era dos serviços streaming

Trinta minutos antes do horário marcado para o filme começar e o cinema do Parque Veredas, do circuito SPCine, já estava lotado, quase atingindo sua capacidade máxima de 450 lugares. Cristiane Ribeiro, de 38 anos, estava acompanhando três crianças, todas abaixo de 12 anos. "Eu uso as crianças como desculpa pra vir pra cá assistir filme". Sorridente, a mulher diz que ela e a família quase nunca iam ao cinema antes, mas que agora vão quase todo domingo. "Às vezes a gente vem pra cá pra ver filme repetido. As crianças adoram. E é de graça mesmo..." Com seu ingresso gratuito (salvo exceções de lugares que cobram apenas 2 ou 4 reais simbólicos) e com um total de 20 salas, o circuito SPCine costuma receber um grande público. O do Parque Veredas não é exceção. Segundo Marília, encarregada da bilheteria, é sempre assim. "Aqui é muito bem frequentado desde o começo. Todas as sessões ficam cheias desse jeito". Até agora, os filmes que mais atraíram público naquele espaço foram A Bela e a Fera, Minha Mãe é uma Peça e Pets.

Com investimentos de 10 milhões de reais feitos pela Prefeitura de São Paulo e outros 10 milhões feitos pela FSA (Fundo Setorial do Audiovisual), a SPCine, empresa de cinema e audiovisual, é uma das instituições responsáveis por trazer para a população de São Paulo um cinema mais acessível, uma vez que, além dos ingressos gratuitos, o circuito foi construído em partes periféricas de São Paulo, onde a população praticamente não tinha contato com cinema antes. Além disso, a empresa também contribui muito para o incentivo da produção nacional de filmes, já que são fornecidas linhas de apoio ao curta-metragem, ao longa-metragem, ao documentário, a ficção, a animação e há também o incentivo feito por meio de autorizações das filmagens em São Paulo, facilitando a vida de produtores que querem fazer filmes na cidade. Inaugurada dia 28 de janeiro de 2015, a SPCine tenta corrigir o problema indicado por estudos da JLeiva: 10% dos paulistanos nunca foram a uma sala de cinema – o número aumenta para 30% quando se fala das classes D e E.

Ali, ao lado daquela sala de cinema localizada entre Itaquaquetuba e Poá, as pessoas estavam suportando o calor de 32 graus felizes e ansiosas enquanto formavam uma fila para esperar o filme começar. Muitas crianças estavam sentadas no chão – um corredor largo que ia da entrada da sala até o final do prédio do CEU (Centro Educacional Unificado) – e muitas delas estavam se conhecendo agora e iam criando amizade enquanto conversavam sobre o que esperar de "Carros 3". Alguns adultos estavam sentados no chão também; outros esperavam em pé, encostados nas paredes e de braços cruzados, mas ninguém ali parecia impaciente por ter de esperar tanto tempo. Logo o corredor se transformou em uma bagunça, pois as pessoas não paravam de

chegar. Fora do corredor as crianças corriam pra lá e pra cá, algumas usando apenas traje de piscina. As vozes iam aumentando conforme o lugar ia lotando – todos conversavam e, mesmo quando não se conheciam, comentários avulsos (“Nossa, é cheio aqui de fim de semana, né”) abriam conversas entre famílias que estavam ali com o mesmo propósito: assistir ao filme. Esta atividade, antes do circuito SPCine, não era muito realizada entre este público. De acordo com Marília, o único cinema que eles tinham antes da inauguração do circuito SPCine era o “Sonda”, na divisa com Itaquá, o que não era muito acessível para as pessoas de lá. Malu Andrade, coordenadora de inovação, criatividade e acesso da SPCine, diz que as localizações foram muito bem pensadas. “Pensando no público final o circuito SPCine se encontra em regiões estratégicas para a cidade de São Paulo; é uma maneira de levar longas e curtas para regiões periféricas, com programas diversos, de modo que todos possam ter acesso”. Este “fácil acesso” é confirmado por Marília: “Aqui é um lugar mais perto de nós e, mesmo se não fosse, o cinema é de graça, então ficaria mais barato de qualquer jeito”. Segundo a funcionária, muita gente presente ali nunca tinha ido ao cinema antes por questões financeiras. O circuito SPCine ajudou a mudar isso. Assim, o sucesso da SPCine é inegável. Malu Andrade reconhece este sucesso que estão tendo: “O retorno vem sendo muito bom. A média de ocupação vem sendo de 53% e com uma média de público de 250 pessoas. Isso da última semana, porque cada semana nova vai aumentando. Nós ainda estamos no início e estamos fazendo articulações com as comunidades para que as pessoas frequentem o espaço e se apropriem da sala”.

Em um país onde a distribuição de entretenimento ainda é muito restrita, a SPCine entra como uma forma de melhorar este quadro e, além disso, ajuda a promover a convivência social, ou seja, permite que as pessoas possam ficar juntas em um ambiente agradável, onde todos compartilham o mesmo interesse. O ex diretor-presidente da SPCine, Alfredo Manevy, diz que o Brasil “é uma mistura de Bélgica e Índia”. Parte da sociedade consegue acessar tudo, mas a grande maioria está fora deste universo da internet, Netflix, banda larga etc. Quase metade da população da grande São Paulo jamais foi ao cinema. Manevy critica ao dizer que, em uma cidade como São Paulo, famosa por sua cultura, quase metade da população nunca ter ido ao cinema é algo muito grave. Sua crítica também envolve a situação da cidade. Segundo Manevy, deve-se discutir mais sobre a situação das periferias de São Paulo. Lá não se tem convivência pública, por se tratar de lugares inóspitos e violentos. Em sua opinião, a SPCine aparece como uma alternativa necessária ao acesso ao audiovisual: “As pessoas da periferia não precisam de motivos para se separarem ainda mais. As salas de cinema quebram a solidão.”

Este espírito de união fica visível no CEU Parque Veredas. Mesmo em um espaço grande, a sala de cinema parecia pequena devido a quantidade de pessoas que já estavam ali dentro – todas conversando em voz alta enquanto “Carros 3” não começava. As poltronas eram confortáveis, a tela era razoavelmente grande, tudo parecia estar conservado e em boa qualidade. Com mais crianças que adultos, a gritaria era constante,

mas ninguém parecia se importar, todos pareciam animados por estar ali. Algumas crianças (como Jhonatas, filho mais velho de Cristiane), alegaram que tinham ido ao cinema uma ou duas vezes na vida antes do circuito SPCine. Outras, como João Pedro (um menino que se juntou com a família de Cristiane para assistir ao filme), tiveram sua primeira experiência com salas de cinema ano passado, depois da construção do circuito. Cristiane Ribeiro alertou: "É melhor ir se acostumando com a gritaria, porque vai ficar pior" E, de fato, as pessoas não paravam de chegar e de conversar alto. Mesmo depois que o filme começou – seguido de um silêncio quase absoluto – pessoas chegavam em grupos, respeitando o silêncio que o ambiente exigia. A sala ficou quase completamente lotada, como se o filme se tratasse de uma grande estreia, mesmo já estando em cartaz há alguns dias. De acordo com Marília, "as próximas sessões serão assim também. Todas são".

Criada na gestão de Haddad, a SPCine parece estar sobrevivendo ao mandato do prefeito João Doria. Em depoimento, André Sturm, encarregado da Secretaria Municipal de Cultura, diz que eles reconhecem o trabalho feito até agora pela SPCine: "Queremos aproveitar o que foi feito e seguir em frente". Apesar disso, nada se comenta sobre ampliar o que já foi feito, desejo do ex-diretor Alfredo Manevy. Aparentemente o circuito SPCine contará apenas com as 20 salas que já existem, e não se sabe se poderemos esperar por algo além disso. Mesmo com a incerteza, o fato de que o circuito continua existindo e permanece tendo sucesso nos diz muito sobre o futuro do cinema no Brasil. Apesar da internet e de serviços de streaming como a Netflix, que estão cada vez mais prendendo as pessoas em casa, as salas de cinema permanecem estáveis e, além disso, estão crescendo cada vez mais no país. De acordo com a pesquisa realizada pelo OCA (Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual), em 2008 registra-se um número de 2.278 salas de cinema no país e em 2014 este número sobe para 2.833. O site ANCINE (Agência Nacional do Cinema) reforça os dados e revela que o país atingiu em 2015 seu maior número de salas de cinema desde 1970.

O aumento de salas de cinema e o incentivo para que a população tanto assista aos filmes quanto queira produzi-los é uma atitude essencial para o mundo audiovisual, uma vez que, de acordo com Manevy, o cinema latino americano em geral tem muito pouco espaço para filmes independentes. "O mercado está dominado pelos super heróis e, cada vez mais, filmes "blockbuster" estão sendo considerados filmes independentes. O Brasil não tem tela, não tem espaço para seus próprios filmes. O país apenas reproduz filmes de fora e filmes de massa. Filmes propriamente brasileiros ficam pouco tempo em cartaz". Assim, o SPCine oferece espaço público tanto para criar quanto para assistir filmes independentes, além de querer, futuramente, que este mecanismo se conecte com a América Latina - algo que não irá demorar a acontecer. Segundo Manevy, os circuitos independentes já estão ameaçando se estender para outros estados do Brasil. "Vários pediram informações para poder estudar e eventualmente copiar o modelo do SPCine, o que é bem bacana pois vai ser algo que vai poder se expandir para outros lugares".

A criação da SPCine e sua repercussão são algumas das ações que mostram que, apesar do conforto da cama ou do sofá, grande parte da população não trocaria a poltrona de uma sala de cinema. A tecnologia traz conforto e praticidade, mas também ajuda a inovar o próprio cinema, trazendo maneiras diferentes de melhorar a interação entre o espectador e o filme. Assim, a tecnologia parece diminuir o interesse do público em ir ao cinema mas, na realidade, como mostra o trabalho do SPCine, a sala de cinema está contornando o “problema” de forma bem sucedida, principalmente porque, cada vez mais, estão conseguindo trazer para o cinema um público que antes não tinha condições de ter contato com o mundo audiovisual. Isto ficou estampado no rosto de diversas crianças, adolescentes e adultos do CEU Parque Veredas. Com um público que está praticamente descobrindo o cinema agora, com pessoas que chegam trinta minutos antes do filme começar e esperam no chão, interagindo entre si, fica difícil acreditar que as salas de cinema algum dia irão acabar – principalmente em um momento em que há tanto incentivo por parte do governo de criar mais salas e trazer mais pessoas para trabalhar na produção de filmes nacionais. Logo, para os amantes de cinema ou para quem está descobrindo este mundo agora, a única preocupação que se deve ter é qual será o próximo filme a ser lançado.